

EXTENSÃO RURAL E EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA: RELATO DE CASO NO CONTEXTO DA APICULTURA

RAFAEL ASSUNÇÃO PEREIRA¹; AMANDA RICKES CROCHEMORE²; JULIA MARTINS RODRIGUES³; AMANDA ALVARIZ LOPES⁴; JERRI TEIXEIRA ZANUSSO⁵

¹Universidade Federal de Pelotas/FAEM/Curso de Zootecnia – rafa6021@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas/FAEM/Curso de Zootecnia – amanda_rickes@hotmail.com

³Universidade Federal de Pelotas/FAEM/Curso de Zootecnia – juliamrbailon@gmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas/FAEM/Curso de Zootecnia – amanda.lopess@hotmail.com

⁵Universidade Federal de Pelotas/FAEM – jerri.zanusso@ufpel.edu.br

1. INTRODUÇÃO

A extensão rural é um serviço de assessoramento a agricultores, suas famílias, seus grupos e organizações, nos campos da tecnologia da produção agropecuária, administração rural, educação alimentar, sanitária, ecológica e associativismo. Segundo (SCHALLER, 2006) a assistência técnica e extensão rural (ATER) surgiu em meados do século passado, inspirada e sob intervenção do modelo norte-americano. Seu objetivo era a modernização, através de pacotes tecnológicos e aumento da produtividade da agricultura através da transferência de tecnologias (Britto et al., 2012; Da Ros, 2012). No Brasil, a ATER foi criada no final de 1940 e culminou na criação da Empresa Brasileira de Assistência Técnica e Extensão Rural (EMBRATER), em 1975. Historicamente este serviço passou a exercer um papel ainda mais relevante ao se transformar no principal elo entre as políticas públicas e o meio rural, servindo como agente de transformação, em especial em áreas como: assistência social, pesquisa agropecuária, saúde e crédito rural.

Apesar do reconhecimento explícito de governos e governantes, agricultores e suas representações, estes serviços deixaram de ser prioridade para o Governo Federal culminando com extinção da EMBRATER, em 1990 (Medeiros e Borges, 2007). O desmonte do sistema e a retirada dos recursos causou uma desestruturação da extensão rural na maioria dos Estados.

Segundo Moura (2011) a extensão rural, por sua natureza e filosofia de trabalho, está sujeita a se defrontar com problemas que se constituem em obstáculos à sua atuação eficiente. Entre estes obstáculos podemos citar: falta de pessoal preparado para a função de extensionista, falta de uma estrutura eficiente no campo da extensão, falta de uma ligação estreita entre a extensão e a pesquisa, falta de dados para diagnósticos de situações, baixo nível de escolaridade da população rural, falta de participação voluntária das pessoas, falta de uma política agrícola bem definida e planejada, falta de infraestrutura física adequada e atitude paternalista do governo.

Neste contexto, o Grupo de Estudos em Apicultura Zootécnica (GEAPZ), vinculado ao Curso de Zootecnia-UFPel, mantém desde 2007, ações voltadas ao estudo da organização da cadeia produtiva de produtos apícolas na metade sul do RS e tenta promover melhoria na organização dos processos, agregando valor aos produtos, otimizando o uso dos recursos e da mão-de-obra, proporcionando aumento de renda e satisfação com a atividade. Considerando que ao longo deste período foram observados muitos entraves, os quais muitas vezes não possibilitaram que as metas fossem atingidas, assim objetivou-se no presente trabalho apresentar

e debater os principais riscos e dificuldades enfrentados na extensão rural acadêmica, afim de contribuir com outras ações semelhantes.

2. METODOLOGIA

Para a realização do presente trabalho utilizou-se a análise descritiva dos relatórios na plataforma da Pró-reitoria de Extensão e Cultura da UFPel, chamado Sistema de Informação da Extensão (SIEEX). Todas as ações extensionistas foram cadastradas como projetos, iniciando suas atividades em 2007, tendo inicialmente registrado-se com o nome “Desenvolvimento sustentável da apicultura na metade sul do RS” e em 2010 passou a chamar-se “Núcleo de capacitação profissional e fomento em apicultura”.

Dentre os objetivos das ações extensionistas constam: levantamento de informações que permitam conhecer a forma de organização da cadeia produtiva, organizar os diferentes atores do setor afim de promover melhorias nos processos e otimização de recursos, agregar valor aos produtos gerados e aumentar a eficiência produtiva dos apicultores, através da profissionalização, além de capacitar futuros acadêmicos das áreas de ciências agrárias para atuarem em extensão rural.

Ao final do primeiro ano de execução do projeto de extensão em apicultura, foi solicitado aos apicultores que indicassem 05 principais itens que consideravam como entrave para o progresso da atividade. Em cada item era atribuída uma nota de 0, quando entendiam ter nenhuma relevância deste item e 10 quando entendiam extrema relevância do item. A cada ano manteve-se os mesmos itens afim de verificar se esta percepção alterava-se ao longo do tempo.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao longo dos 09 anos de acompanhamento a produtores rurais através das ações extensionistas desenvolvidas pelo grupo GEAPZ constata-se que aquelas que demandam o deslocamento dos produtores são as que mais demandam planejamento e logística, sendo necessário dispor de muitos recursos humanos, físico e financeiro, com alto risco de fracasso, assim tem sido dada atenção às ações em que o grupo desloca-se até as comunidades atendidas, para fazer diagnóstico participativo, promover reuniões técnicas, realizar oficinas e mini cursos, ou atuando como colaborador em ações coletivas, com o apoio do SEBRAE, SENAR, EMATER, EMPRAPA, CAPA, entre outros atores do Arranjo Produtivo Local (APL) para o mel.

Quanto aos 05 principais problemas elencados pelos apicultores, na Tabela 1 são apresentados os graus de importância atribuídos para cada um dos itens. O problema ao qual atribuiu-se maior peso foi a presença do atravessador, figura passiva quanto produção, mas ativa em comercialização e eventualmente em transformação, agregando valor ao produto final. Segundo LANDINI (2015), o fato da ATER concentrar seus esforços na agricultura familiar, gera um pequeno impacto em termos de volume de produção obtido por cada produtor rural, sendo um entrave para conseguir negociar com grandes redes de distribuição. O volume de produção é a oportunidade que alimenta o atravessador e que nestes moldes de organização de cadeia produtiva, seguirá alimentando-o.

Também é consenso entre os produtores que o quesito falta de organização seria um ponto a ser melhorado para fugir da dependência do atravessador na cadeia produtiva, entretanto os apicultores são carentes de assessoria na área

comercial, assim entra em cena a necessidade de apoio contínuo no atendimento da ATER.

Tabela 1 – Principais problemas da ATER, segundo os apicultores assistidos pelo GEAPZ, no período de 2007 a 2015.

Ano	Atravessador	ATER descontínua	Endividamento	Pouca organização	Baixo uso tecnologia
2007 (N=20)	8,0	6,5	8,1	5,0	5,2
2008 (N=22)	9,8	7,8	8,0	5,5	4,1
2009 (N=40)	9,0	7,1	7,9	5,8	4,9
2010 (N=45)	8,2	7,5	7,0	6,1	5,3
2011 (N=50)	8,5	7,7	7,1	6,0	6,5
2012 (N=50)	8,0	7,5	6,5	5,5	6,0
2013 (N=42)	8,2	8,0	6,7	6,1	6,6
2014 (N=38)	8,5	7,5	7,5	6,8	7,1
2015 (N=48)	8,1	8,1	7,8	6,5	7,0
Média	8,5	7,5	7,4	5,9	5,9

Escala de 0 (irrelevante) a 10 (extremamente relevante). N = número de entrevistados em cada ano.

Observou-se ao longo do tempo uma mudança de técnicos da EMATER em vários municípios na região sul do RS, muito associado à mudança de governos locais (prefeituras) ou governo do Estado. Muitas vezes é indicado um técnico que tem experiência em outras áreas produtivas, e que ainda leva tempo a conhecer a estrutura de organização local.

A falta de organização explica-se, em parte, pelo individualismo e à dificuldade dos produtores para trabalharem em grupo, ou seja, falta de tradição em associativismo e cooperativismo. Este problema foi indicado em diferentes estudos sobre ATER, segundo SARAIVA & CALLOU (2009) e HENZ (2010).

Também observa-se que os 05 itens mencionados estão interligados. Isto fica evidente pelo exemplo observado de que os produtores acabam não diversificando sua produção, já que ao longo dos 09 anos de acompanhamento, todos apicultores dedicavam-se à produção de mel e isto é justificado pela falta de conhecimento e também baixa capacidade financeira para a aquisição de equipamentos específicos.

4. CONCLUSÕES

Conclui-se que a assistência técnica e extensão rural são fundamentais para facilitar a organização dos produtores, para que os mesmos consigam escapar da necessidade de atravessadores para colocar seu(s) produto(s) no mercado. A

formação em extensão rural durante a vida acadêmica serve de experiência para o enfrentamento das dificuldades que o futuro profissional terá na execução de suas ações.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRITO, L. et al. Gestão do conhecimento numa instituição pública de assistência técnica e extensão rural do Nordeste do Brasil. **Revista de Administração Pública**, v.46, n.5, p.1342-1366, 2012.

DA ROS, C. A. Gênese, desenvolvimento, crise e reformas nos serviços públicos de extensão rural durante a década de 1990. **Mundo Agrário**, v. 13, n.25, 33p. 2012.

HENZ, G. Desafios enfrentados por agricultores familiares na produção de morango no Distrito Federal. **Horticultura Brasileira**, v.28, n.3, p.260-265, 2010.

LANDINI, F.P. Problemas enfrentados por extensionistas rurais brasileiros e sua relação com suas concepções de extensão rural. **Ciência Rural**, v.45, n.2, p.371-377, 2015.

MEDEIROS, J.; BORGES, D. Participação cidadã no planejamento das ações da Emater-RN. **Revista de Administração Pública**, v.41, n.1, p.63-81, 2007

MOURA, L. *Dificuldades na execução da Extensão Rural*. 1p. Disponível em www.maisrural.com.br Acesso em: 20 de julho de 2016.

SARAIVA, R.; CALLOU, A. Políticas públicas e estratégias de comunicação para o desenvolvimento local de comunidades pesqueiras de Pernambuco. **Interações**, v.10, n.1, p.73-81, 2009.

SCHALLER, N. **Extensión rural: ¿hacia dónde vamos?, ¿hacia dónde ir?** El Colorado, Argentina: INTA, 2006. 19p.